

# Atos de pesquisa, práticas de diplomacia intelectual

Research acts, practices of intellectual diplomacy

Mariana Barreto

<https://orcid.org/0000-0002-0335-7123>

E-mail: [barretomariana2016@gmail.com](mailto:barretomariana2016@gmail.com)

“[...] E recomeçava como um herói de si mesmo, todo herói é um herói de si mesmo. Quem vence está-se vencendo”.<sup>1</sup>  
(Lispector, 2018, p. 67)

A Revista de Ciências Sociais (RCS) publica neste número uma singela homenagem a Afrânio Garcia. Traz a público a tradução de um documento íntimo, a carta lida por Benoît de L’Estoile quando das cerimônias de despedidas dedicadas ao querido professor. A síntese que elabora sobre as contribuições e virtudes que marcaram a trajetória profissional e pessoal é vasta no desdobramento de seus níveis, afetuosa naquilo que deixa ver sobre o amigo e professor homenageado.

Os vínculos de Afrânio com a RCS remontam ao ano de 2007, quando publicou “Os Vice-Reis do Norte : reconversão de elites agrárias e a revolução de 1930 (1920-1964)”. Artigo que expressava seus objetivos de pesquisa naquele momento, discussões que faziam parte tanto de seu curso anual “*Anthropologie Politique du Brésil Contemporain - Représentations Nationales et Reconnaissance Internationale*” quanto dos seminários promovidos pelo *Centre de Recherches sur le Brésil Contemporain* (CRBC), dirigido por ele, ambos na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS). O artigo, que convidamos nossas leitoras e leitores a revisitarem, analisa o acelerado processo de industrialização e urbanização do Brasil, com ênfase nas trajetórias de líderes, elite dirigente do país, que se destacaram na expansão da arena política e das instituições públicas, marcando fortemente a modernização do Estado brasileiro e deixando suas marcas na contemporaneidade<sup>2</sup>.

Naquele período, a recepção dedicada aos estudantes brasileiros no CRBC, a maioria financiados por bolsas Capes para doutorado sanduíche, representava a possibilidade de, a um

<sup>1</sup> LISPECTOR, Clarice. San Tiago in LISPECTOR, Clarice. Todas as Crônicas. Rio de Janeiro : Rocco, 2018, p.67.

<sup>2</sup> JÚNIOR, Afrânio R. G. Os Vice-Reis do Norte: reconversão de elites agrárias e a revolução de 1930 (1920-1964). *Revista de Ciências Sociais*, 38(2), p. 73–87, 2007. Disponível em : <https://periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/533>. Acesso em: 24 jun. 2025.

só tempo, aprofundar o conhecimento sobre seus objetos, métodos e técnicas de pesquisa, porque constantemente desafiados por suas questões, diretamente e, indiretamente, pelas apresentações e debates seguidos na sua disciplina às terças-feiras e nas sessões dos seminários das quartas-feiras. Nas sessões, conhecíamos o Brasil, posicionávamos nossos próprios trabalhos no espaço das tradições nacionais, assim como testemunhávamos expressões da dimensão cumulativa como condição única para o avanço do conhecimento; incontornável em suas observações, comentários e intervenções. Exercício prático, reflexivo, orientado a nos resguardar das diferentes formas de relativismo, inclusive aquelas que reduziavam autores e autoras a interesses específicos.

Ainda em 2007, Afrânio recebeu uma geração peculiar de doutorandas e doutorandos, muitos beneficiados por bolsas de pesquisa desde a graduação, poucos com experiência prévia como docentes. Esse perfil influenciava de diferentes maneiras a forma como trabalhávamos, concentrados em áreas de especialização e com uma trajetória acelerada pelo mestrado e doutorado, culminando rapidamente na atuação em universidades públicas, logo após a defesa das teses - um percurso de formação que talvez não tivesse a mesma velocidade em gerações anteriores.

Sua trajetória nos interpelava ainda neste sentido, em sua dimensão reflexiva, suas pesquisas de grande fôlego originaram-se a partir de esforços coletivos de trabalho, avançavam criticamente, enfrentavam as objeções que lhes eram feitas, dentro e fora de seus grupos. Enquanto os nossos eram solitários : testes, provas analíticas e metodológicas se davam de modo restrito, quase limitados às exposições em congressos ou pequenos grupos de estudos. Quem sabe por isso Afrânio impelia seus estudantes a apresentar suas pesquisas ao final dos estágios, ainda que em um francês quase sempre sofrível e em sessões nas quais o comentador ou comentadora era especialista consagrado nas temáticas em questão. Parte das relações de trabalho e amizade que dispomos hoje tiveram início neste momento, são devedoras dos encontros compartilhados pelo CRBC sob a direção dele.

Esse modo coletivo de fazer ciência se renovava a cada menção a *Terra de Trabalho* ou *O sul : caminho do roçado*<sup>3</sup> - respectivamente, produtos de sua dissertação de mestrado e tese de doutorado, defendidas no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional (UFRJ), sob a orientação de Moacir Palmeira. Um e outro frutos das pesquisas desenvolvidas no âmbito dos projetos *Desenvolvimento Regional Comparado* e *Emprego e mudança Socioeconômica no Nordeste*, também coordenados por Moacir Palmeira. *Terra de Trabalho* analisa as origens sociais e históricas dos pequenos agricultores da Zona da Mata pernambucana, notadamente a produção de bens de subsistência em terras arrendadas de grandes proprietários, movimento econômico fundado sob a desigualdade que opõe *terras de trabalho* e *terras de gado*, ou seja, camponeses e latifundiários e seus usos da terra. Afrânio aprofundou a compreensão da divisão familiar (e sexual) do trabalho entre os pequenos agricultores, para apreender as condições sociais de produção desse grupo social, de sua identidade, cuja reprodução enquanto trabalhadores livres permanecia ameaçada. Já em *O sul : caminho do roçado* a pesquisa concentrou-se no brejo e agreste da Paraíba, examinando os efeitos do crescimento do mercado de trabalho industrial no centro-sul do país sobre as áreas rurais nordestinas onde predominavam as plantações açucareiras. As dimensões cumulativas, e comparativas, de seus trabalhos aparecem em destaque aqui, tanto no uso que fez de estudos precedentes, empreendidos por geógrafos em expedições científicas, interessados em cartografar características das

<sup>3</sup> JÚNIOR, Afrânio R. G. *Terra de trabalho* - Trabalho familiar de pequenos produtores. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. JÚNIOR, Afrânio R. G. *O Sul: Caminho do roçado* - Estratégias de reprodução camponesa e transformação social. São Paulo: Marco Zero e Editora da Universidade de Brasília, 1990.

regiões paraibanas, quanto pelo confronto entre situações encontradas anteriormente em Pernambuco e, naquele momento, meados dos anos 1970, na Paraíba<sup>4</sup>.

Esta dimensão científica, de natureza coletiva, marcou seus projetos posteriores e o modo como formou gerações de orientandas e orientandos. Se como observa José Sérgio Leite Lopes, no Prefácio de *Terra de Trabalho*, Afrânio desde o início da década de 1970 “vinha abrindo um novo campo de investigação sobre o campesinato no Brasil”<sup>5</sup>, sua maneira de pensar objetiva e objetivista, levando em conta o indivíduo sem desolidarizá-lo de suas relações - evocando em seus trabalhos pioneiros as mais concentradas e as mais dispersas formas de dominação, as quais estavam expostos os pequenos agricultores no país que se modernizara -, aos seus estudantes assegurava que a análise da dimensão relacional do mundo social ajuda a não incorrer em esquecimentos ou cair em generalizações.

Se era recomendável “fazer teoria empiricamente”, lição incorporada a partir de sua experiência no *Centre de Sociologie Européenne* (CSE), melhor que fosse a longo termo. Foi o que Afrânio teve a oportunidade de fazer em 1997 voltando a campo, à Zona da Mata pernambucana, empenhado em um projeto de pesquisa coletivo, desta vez com um grupo maior e mais diverso de pesquisadores<sup>6</sup>. As realidades observadas, no início da década de 1970, apareciam socialmente transformadas, a nova situação de pesquisa apresentava relações sociais de outra ordem, a consolidação dos sindicatos e das ações do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) alterou as formas de exercício do poder local, configurando e reconfigurando a interdependência das relações entre patrões e trabalhadores, sindicalistas e acampados etc. A prática da etnografia coletiva além de ultrapassar a compreensão linear que marcava o debate público sobre o tema naquele momento no país, desafiou reflexivamente pesquisadoras e pesquisadores em suas relações de longa duração com o campo e seus agentes<sup>7</sup>.

Em seus trabalhos seguintes, ele aprofundará as dimensões cumulativas e coletivas de sua produção, marcas indelévels da coerência entre seus atos e práticas de pesquisa, quer seja em seu ofício como professor/pesquisador, formador de várias gerações de cientistas sociais, quer seja no trato pessoal com suas orientandas e seus orientandos.

\* \* \*

Esta pequena homenagem que a RCS presta a Afrânio Garcia, convidando a leitora e o leitor a (re)lerem seu artigo publicado em 2007 e dando a conhecer a afável intervenção de Benoît de L’Estoile, reafirma a relevância de sua contribuição para a compreensão da sociedade brasileira, enquanto pesquisador atento à dimensão empírica e comparativa de seus objetos e enquanto professor comprometido com a formação de novas gerações. Entrelaçando pesquisa de fôlego, espírito crítico e abertura ao debate, nosso professor construiu um legado que inspira modos de pensar, praticar e viver as ciências sociais em qualquer tempo, nos mais suaves e noutros nem tanto.

Acesso ao artigo publicado na RCS: <https://periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/533>

<sup>4</sup> RAMIRO, Patrícia A. O mundo social entre compartilhado e segmentado: lembrando os espaços de O Sul: caminho do roçado. Entrevista com Afrânio Garcia Jr. *Revista de Ciências Sociais*, n. 45, jul./dez. 2016, p. 375-393. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/politicaetrabalho/article/view/32914/17812>. Acesso em: 24 jun. 2025.

<sup>5</sup> LOPES, José S. L. Prefácio in JÚNIOR, Afrânio R. G. *Terra de trabalho ... Op. Cit.*, p. IV.

<sup>6</sup> L’ESTOILE, Benoît de e SIGAUD, Lygia (Orgs.). *Ocupações de terra e transformações sociais*. Rio de Janeiro: FGV, 2006, 173 p.

<sup>7</sup> Para uma leitura prévia da obra sugerimos: COMERFORD, John. *Ocupações de terra e transformações sociais* (Resenha). *Mana*, 13(1), Abril 2007, p. 275-286. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/t45ryKZnyFrrDLx9ytGzGvz/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 24 jun. 2025.

## Referências

COMERFORD, John. Ocupações de terra e transformações sociais (Resenha). *Mana*, 13(1), Abril 2007, p. 275-286. Disponível em : <https://www.scielo.br/j/mana/a/t45ryKZnyFrrDLx9ytGzGvz/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 24 jun. 2025.

JÚNIOR, Afrânio R. G. Os Vice-Reis do Norte: reconversão de elites agrárias e a revolução de 1930 (1920-1964). *Revista de Ciências Sociais*, 38(2), p. 73-87, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/533>. Acesso em: 24 jun. 2025.

\_\_\_\_\_. *Terra de trabalho* - Trabalho familiar de pequenos produtores. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

\_\_\_\_\_. *O Sul: Caminho do roçado* - Estratégias de reprodução camponesa e transformação social. São Paulo: Marco Zero e Editora da Universidade de Brasília, 1990.

L'ESTOILE, Benoît de e SIGAUD, Lygia (Orgs.). *Ocupações de terra e transformações sociais*. Rio de Janeiro: FGV, 2006, 173 p.

LISPECTOR, Clarice. San Tiago in LISPECTOR, Clarice. *Todas as Crônicas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2018, p. 65-67.

RAMIRO, Patrícia A. O mundo social entre compartilhado e segmentado: lembrando os espaços de O Sul: caminho do roçado. Entrevista com Afrânio Garcia Jr. *Revista de Ciências Sociais*, n. 45, jul./dez. 2016, p. 375-393. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/politicaetrabalho/article/view/32914/17812>. Acesso em: 24 jun. 2025.

Para Afrânio, 7 de dezembro de 2024.<sup>8</sup>

*Estas palavras foram pronunciadas no cemitério Père Lachaise,  
no funeral de Afrânio Raul Garcia Jr.*

Benoît de L'Estoile<sup>9</sup>.

No Rio de Janeiro, quando morre um sambista, seus parentes e seus amigos se reúnem ao seu redor para tocar seus instrumentos e cantar juntos. Embora a *École des Hautes Études en Sciences Sociales* esteja longe de ser uma escola de samba carioca, foi algo equivalente o que fizemos na última quarta-feira - sem o virtuosismo dos sambistas para transformar em música suas tristezas - quando mais de oitenta de nós nos reunimos, presentes, física ou virtualmente -, em uma sessão do *Groupe de Réflexion sur le Brésil Contemporain*, para homenagear Afrânio, com uma apresentação sobre a memória dos movimentos sociais no Brasil, realizada por José Sérgio Leite Lopes, amigo e colega de longa data, desde o colégio até o Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS). Afrânio foi o principal organizador desse espaço coletivo de reflexão, *un passeur* entre mundos.

Eu gostaria de compartilhar com vocês algumas lembranças de Afrânio, como amigo e como pesquisador, em suas dimensões pessoais e coletivas.

O conheci em 1992, no Rio, por intermédio da saudosa Lygia Sigaud, que me havia dado o contato de seus amigos do Museu Nacional, aquele que, há seis anos, ardeu em chamas, na Quinta da Boa Vista. Para chegar ao escritório de Afrânio, atravessávamos o *patio* do Museu, o antigo palácio de Dom Pedro II, Imperador do Brasil, com árvores majestosas, onde se encontravam ainda, em uma gaiola, araras azuis, que, dizia-se, terem sido trazidas pela expedição Lévi-Strauss. Afrânio dividia uma grande sala, no térreo, com o velho professor Luiz de Castro Faria, que na sua juventude havia acompanhado Lévi-Strauss, e de quem seguiu os cursos sobre o pensamento social brasileiro. Afrânio pertencia a esta geração de jovens pesquisadores que se juntara no Museu Nacional, no final dos anos 1960, sob a insígnia da antropologia social. Uma série de pesquisas coletivas sobre as transformações sociais na região açucareira da Zona da Mata, no Nordeste do Brasil, intimamente vinculadas aos movimentos sindicais camponeses, desempenhou um papel fundador na emergência, no Museu Nacional, de uma nova instituição de pesquisa avançada, o PPGAS.

Quando Afrânio e Marie-France escolheram se instalar na França, ele foi eleito, em 1995, na *École des Hautes Études en Sciences Sociales*, a uma cadeira intitulada "Anthropologie politique du Brésil". O economista, de origem polonesa, Ignacy Sachs o convidou para codirigir o *Centre de Recherches sur le Brésil Contemporain*, por ele fundado; foi, então, em um colóquio em homenagem à Sachs que Afrânio proferiu sua última intervenção pública, duas semanas antes de seu falecimento.

Sabemos que os deslocamentos geográficos estão associados às mudanças de posição no espaço social. Enquanto no Brasil ele era um reconhecido pesquisador em antropologia social, Afrânio se deparou com o desafio, comum a muitos pesquisadores vindos de nações

<sup>8</sup> Optamos por manter o texto tal como foi lido na ocasião, com pouquíssimos ajustes para publicação, de modo a conservarmos o afeto e carinho guardados por sua forma primeira. [Tradução Mariana Barreto]. Agradeço a Benoît de L'Estoile e a Marie-France Garcia-Parpet a cessão do material e a confiança em minha tradução.

<sup>9</sup> Antropólogo, professor da École Normale Supérieure (Ulm), pesquisador do Centre National de Recherche Scientifique (CNRS) e diretor do Departamento de pesquisa e ensino do Musée Quai de Branly Jacques Chirac. Atualmente é coordenador do Groupe de Réflexion sur le Brésil Contemporain da École des Hautes Études en Sciences Sociales (GRBC/EHESS).

ditas “periféricas” para países ditos “centrais”: tornar-se especialista sobre seu país de origem. No entanto, ele não se considerava um “brasilianista”, ou seja, alguém cuja especialidade seria o Brasil; antes, via-se como um especialista em ciências sociais, para quem o Brasil representava um campo privilegiado de pesquisas antropológicas e sociológicas, que devia ser apreendido numa perspectiva comparada.

Foi assim que, em 1997, com um pequeno grupo de alunos e professores da *École Normale Supérieure*, vários dos quais estão aqui hoje, nós lemos, com Afrânio e Lygia Sigaud, toda uma bibliografia para preparar um projeto de pesquisa franco-brasileiro na Zona da Mata, na mesma região onde os dois haviam feito suas pesquisas de campo. Líamos tanto os artigos de seus colegas do Museu Nacional, que Afrânio havia reunido para um número especial da revista *Études Rurales*, quanto as memórias de “senhores de engenho” do século XIX. Foi um privilégio e um prazer aprender a ler o Brasil na companhia de Afrânio e Lygia.

Alguns meses mais tarde, estávamos em Rio Formoso, na Zona da Mata de Pernambuco, onde descobrimos a existência de ocupações dos engenhos por movimentos sociais. Afrânio, que não voltava a este campo há anos, era um homem feliz. Várias entrevistas assumiram uma forma coletiva: com Zé Paulo, antigo dirigente do sindicato dos camponeses, que nossos amigos brasileiros conheceram durante as greves dos anos 1970, e que acabava de se tornar prefeito da cidade; com ‘Seu’ Carlos, antigo administrador de *plantation* açucareira, que nos mostrou os seus álbuns de fotografias dos anos 1950; ou com o jovem Chiquinho, filho de um trabalhador rural que frequentou o colégio agrícola, um dos líderes do movimento de reivindicação da reforma agrária, e que se tornaria posteriormente um importante homem político do local.

Nas muitas manifestações de tristeza nas redes sociais após a morte de Afrânio, uma das palavras que mais aparece é ‘generosidade’, que o definia tanto pessoal quanto intelectualmente.

Afrânio e Marie-France sempre foram acolhedores, em suas várias casas: no Rio, em Paris, em Bracieux, convidando seus amigos de diversos países. Foi assim que, no final de 2009, nossa família foi recebida no apartamento da Rue de Fontarabie, no *vingtième arrondissement*. Charlotte e eu preparávamos, então, nossa instalação no Rio com os nossos três filhos. Cheios de questões sobre este país, que só conheciam através das histórias de seus pais, eles ouviram os gentis conselhos que lhes foram dados com sutileza e humor. Afrânio e Marie-France nos deram as chaves de seu apartamento na rua Belisário Távora, em Laranjeiras, onde passamos os primeiros meses de nossa estadia. Este apartamento acolhia vários pesquisadores franceses, argentinos, ou outros vindos para intercâmbios universitários, mas também novos solteiros, após rupturas conjugais.

Nos últimos anos, com a luta contra a doença cada vez mais invasiva, o *Groupe de Réflexion sur le Brésil Contemporain* (GRBC), que se reuniu durante muito tempo no Boulevard Raspail, na EHESS, e mais recentemente na Rue d’Ulm, na *École Normale Supérieure*, tornou-se uma prioridade para Afrânio. Ele se cercou de pesquisadores e pesquisadoras de diferentes gerações para manter os seminários do GRBC como um espaço de trocas intelectuais abertas e fecundas.

Se oferecia um lugar de acolhimento privilegiado para pesquisadores brasileiros de passagem, fossem eles universitários, vindos entre o natal e o carnaval, jovens pesquisadores durante suas teses com “bolsa sanduíche”, ou ainda pesquisadores franceses realizando pesquisas no Brasil; ele tratava de permitir que estas pesquisas fossem colocadas em perspectiva com trabalhos sobre outros temas, convidando para discutir as apresentações dos colegas, não apenas àqueles e àquelas que tinha conhecido no *Centre de Sociologie Européenne*, criado por Pierre Bourdieu, a quem Afrânio manteve-se sempre fiel, mas também muitos outros.

Mesmo se acontecesse, por vezes, o convidado perder o fio da meada de sua apresentação, a generosidade de Afrânio consistia precisamente em reformular os materiais da apre-

sentação, numa linguagem analítica e numa construção sociológica rigorosas, dando-lhes uma profundidade histórica, elaborando questões que nos permitiam considerar sob uma nova luz a investigação empírica apresentada.

É difícil imaginar que essa voz tão preciosa tenha se apagado para sempre. Se Afrânio teve as suas duas filhas queridas, Christine e Inès, ele deixa atrás de si muitos órfãos, unidos hoje pela tristeza que nos abraça.

Mais tarde, nascerá o doce-amargo sentimento, combinando o lamento do tempo que passa e da ausência das pessoas amadas, e o prazer de recordar os momentos do passado vividos juntos, que chamamos em português *saudade*.

Afrânio, você nos fará falta. *Você vai deixar saudades.*